

DA POESIA E DA POLÍTICA

OU A MEMÓRIA DE AGOSTINHO NETO

Salvato Trigo

U. Fernando Pessoa

Um ano não tinha ainda passado da inesperada morte de Agostinho Neto, em Moscovo, em setembro de 1979, e numa pequena cidade do interior da Flórida – Gainsville, em pleno furacão político do “IRANGATE”, em abril de 1980, num anfiteatro de centenas de professores e ensaístas negro-americanos, fez-se um silêncio estupefacto quando a organização do congresso anunciou a delegação de Angola, convidada para participar oficialmente na homenagem *in memoriam* de Agostinho Neto, o presidente e o poeta, que se celebrava no quadro da Conferência da Associação de Literatura Africana (ALA).

A estupefação silenciosa daquele anfiteatro da Universidade de Gainsville foi provocada pela composição da delegação angolana, chefiada por Agostinho Mendes de Carvalho, então Comissário Político de Luanda, que ali estava também como o escritor Uanhenga Xitu, acompanhado dos também escritores Henrique Guerra e Ruy Duarte de Carvalho. É que longe estaria da expectativa da plateia, dominada quase integralmente por académicos americanos negros, que Angola se fizesse representar por um escritor angolano negro (Uanhenga Xitu), por um escritor angolano mestiço (Henrique Guerra) e por um escritor angolano branco (Ruy Duarte de Carvalho). Mendes de Carvalho, o sagaz político que também era, dando-se conta da estranheza dos presentes por a sua delegação não ser exclusivamente constituída por angolanos negros, ironizou com a situação e qualificou a delegação como uma au-

têntica metáfora humana do famigerado “selo de povoamento” que a colonização portuguesa tinha deixado em Angola.

Ironia que foi devidamente explicada na tradução que me pediu para eu fazer para tão ilustrada plateia em assuntos literários africanos – o tema geral do congresso, no qual Agostinho Neto foi condignamente homenageado na tripla dimensão de Homem, de Político e de Poeta.

Na efeméride dos 40 anos do desaparecimento físico de Agostinho Neto, na minha comunicação, contextualizada a partir dos Estados Unidos do governo do Partido Democrático do Presidente James Carter e do Secretário de Estado, Alexander Haig, com quem Angola não tinha, então, relações diplomáticas, cuja abertura estava muito condicionada à “guerra fria”, procurarei fazer um périplo pelos modos de ler a obra de Neto por alguns ensaístas, alguns dos quais estavam presentes em Gainesville e que os estudiosos das literaturas africanas assumem, muitas vezes, como referências analíticas, ao mesmo tempo que tentarei homenagear também o humanismo do Homem, que a sua viúva, escritora Eugénia Neto, tão bem dilucida no livro *O soar dos quissanges* (2001), glosando a epígrafe da dedicatória – “Vencer a barreira racial/ é tão difícil/ como atravessar a atmosfera da Terra./ Contudo, é preciso atravessá-la/ para a harmonia do Mundo.”

Falarei, então, dum poeta que “atravessou a atmosfera da Terra” e que contribuiu “para a harmonia do Mundo”, enquanto “pela curva ágil do pescoço da gazela” sonhou a fundação da pátria angolana. Pátria essa que continua sonhada nos seus maiores desígnios, porque, como escreveu Eugénia Neto no poema “O sonho também era teu”: “Angola precisa de sonho/ para construir a realidade.”

Um daqueles ensaístas, especialista renomado das literaturas africanas lusófonas, terminologia que passou a adotar, em *Literatura africana / Literatura necessária I – Angola*, foi Russel G. Hamilton, que refere expressamente o seu encontro com aquela delegação angolana (1981: 21). Hamilton, além de muitas outras observações percucientes sobre a arte poética de Agostinho Neto, consubstanciada em *Sagrada Esperança*, surpreende, no poema “Mus-sunda Amigo”, “uma extraordinária força estética e emotiva a toda a problemática da identidade, identificação e alienação e, ao mesmo tempo, aborda a questão da comunicação literária” (HAMILTON, 1981: 02). Da mesma forma, vê em “Fogo e ritmo”, em “Caminho do mato”, em “O choro de África”,

em “Sangrantes e germinantes”, e em “O verde das palmeiras”, uma re-africanização estilística, certamente bem diferente daquela que usaram Viriato da Cruz ou António Jacinto, todavia de idêntica busca do caminho, para afirmar a angolidade literária dentro da língua portuguesa, ela também sujeita a uma reaficanização.

Hamilton, porém, chama a atenção para que “A reaficanização, termo vago que é, pode ser uma falsificação, ao nível ontológico ou estilístico, se o produtor da forma cultural não partir duma compreensão das contradições inerentes à sua própria condição de aculturado – uma condição determinada por acidentes históricos” (1981: 108), para logo concluir que “Agostinho Neto, no desenvolvimento da sua consciência, parecia ter sempre presente, como um elemento intrínseco da sua arte, a noção dessas contradições.” (*ibid.*). Contradições, no entanto, que o Homem, primeiro, e o poeta, depois, ultrapassou, por reconhecer exatamente que a africanidade da literatura e a angolidade, como sua expressão parcial, residiriam sempre muito mais na ontologia e na estética do texto do que na epiderme estilística e lexicológica da língua por ele adotada.

No caso de Agostinho Neto, essa consciência, liberta das contradições entre o sentir africano / angolano e a sua forma de exprimi-lo, rastreia-se, particularmente, em toda a poesia que nos legou, uma poesia gerada numa *ars poetica* em que a afirmação e a negação (o Sim, do poema “Sim, em qualquer poema”, e o Não, do poema “A renúncia impossível, Negação”) não se contradizem, antes, convergem para pel’ “o caminho das estrelas/ pela curva ágil do pescoço da gazela” proclamar o oxímoro da nova ética e da nova estética que hão de construir, finalmente e depois da expulsão do Éden, “a harmonia do mundo.”

Fernando Costa Andrade, também ele consagrado poeta e ensaísta da angolidade literária e quase-biógrafo de Agostinho Neto, reconheceu factualmente a capacidade do Homem e do Poeta, para ultrapassar as contradições que Hamilton considerou o tal “elemento intrínseco à sua arte”. Num texto importante, cujo título pediu de empréstimo o célebre verso de Neto “Sou aquele por quem se espera...”, incluído no livro *Opiniões, critérios*, escreveu Costa Andrade: “Assim, no momento em que no âmbito do socialismo percebeu que tentavam condicionar-lhe os passos, a mesma coragem de sempre,

a mesma independência de opções, não obstante as consequências, optou pelo não. Uma vez mais, não!” (2007: 189).

Um *Não* que certamente violentou o seu *eu*, construído, desde a juventude, primeiro, na educação cristã protestante da Igreja Metodista de Angola, da qual seu pai era pastor, o que lhe proporcionou a bolsa de estudos com que a igreja-mãe americana lhe permitiu vir estudar medicina em Portugal, e, depois, na educação política em ideais socialistas / internacionalistas do MUD Juvenil e do ambiente clandestino do Partido Comunista português, com quem indiretamente conviveu através de colegas estudantes, como Antero Abreu e Veiga Pereira (vide *Encontro com Antero Abreu*, LABAN, 1991: 246-255) que, em Coimbra, contribuíram para a sua formação política, e de companheiros solidários da prisão, em Luanda, em Lisboa, em Cabo Verde ou no Porto –

Há nomes como os grandes rios:
o seu destino é o coração do mar.

Quanto mais lhe cortam a corrente
(à flor ou na fundura secreta)
maior a alma, maior a força, maior o canto
do poeta

Não morreu. Tombou como a água cimeira
da montanha. Ou como o silêncio do mar.

Do grande sonho ficou a matriz
a luta e a regra:
toda a libertação (pela raiz)
da África Negra. (in VÁRIOS, 1990: 64)

– no Porto, onde o poeta Luís Veiga Leitão escreveu e dedicou o poema, que acabei de ler, “Ao amigo e camarada das prisões e tribunais plenários nos tempos do fascismo”, no sexto ano da morte de Agostinho Neto.

Solidariedade, também internacional, como aquela que lhe foi manifestada por renomados intelectuais franceses, como Sartre, Mauriac, Aragon e Simone de Beauvoir; pelo poeta cubano, Nicolás Guillén, ou pelo pintor mexicano Diego Rivera, que, como enfatiza Lawrence W. Henderson (1979: 167-8), obrigou o salazarismo a pôr termo a mais uma prisão, na cadeia da PIDE, no Porto, a que Agostinho Neto foi condenado, entre fevereiro de

1955 e junho de 1957, depois de ter sido, pela primeira vez, preso, em 1951, menos de três anos após a chegada a Portugal para os seus estudos médicos, por ter sido apanhado a recolher assinaturas de apoio à Conferência Mundial da Paz, em Estocolmo.

Um *eu* que se construiu, psicológica e culturalmente, nesse ambiente ideológico, viveu certamente o drama de ter de dizer *Não* à doutrina em que convictamente militou, porque tal negação lhe impunha o interesse e a liberdade do seu povo, o futuro da sua pátria angolana verdadeiramente livre e inclusiva que, depois de tanto a ter sonhado, genuína e fraternal para todos os angolanos num modelo de inclusão que ele próprio praticou na família que constituiu, resgatando-a do colonialismo, não poderia deixá-la à mercê do imperialismo e ser usada como campo de batalha da guerra fria, entre Moscovo e Washington.

Agostinho Neto previa, seguramente, melhor do que ninguém as consequências e o sacrifício pessoal que o seu *Não* lhe iria trazer, mas, como Homem à altura do Poeta que, na hora da largada, do sonho-certeza, partia em busca da luz, em busca da vida, assumiu claramente a sua dimensão do *outro*, daquele que já não espera mas por quem o povo esperava, para, irmanado com os outros filhos das mães africanas, que como ele tiveram também de partir, “Amanhã/ entoar(e)mos hinos à liberdade/ quando comemorarmos/ a data da abolição desta escravatura”, eivados de “...uma fé que alimenta a vida” (“Adeus à hora da largada”, NETO, 1974: 35), a vida sem grilhetas físicas ou de pensamento:

Ainda o meu espírito
ainda o quissange
a marimba
a viola
o saxofone
ainda os meus ritmos de ritual orgíaco

Ainda a minha vida
oferecida à Vida
ainda o meu desejo

Ainda o meu sonho
o meu grito
o meu braço

a sustentar o meu Querer

E nas sanzalas
nas casas
nos subúrbios das cidades
para lá das linhas
nos recantos escuros das casas ricas
onde aos negros murmuram: ainda

O meu Desejo
transformado em força
inspirando as consciências desesperadas. (“Aspiração”, NETO, 1974: 68-9)

O *eu*, como se vê, é meramente enunciativo e não revelador de que a poesia de Agostinho Neto possa ser classificada de intimista ou de que, por isso mesmo, possa estar “em conflito com a realidade objectiva e consigo mesmo”, como escreveu, no já citado livro, Russel H. Hamilton, e de quem, neste particular, discordo. Hamilton, é verdade, situa a sua afirmação no contexto de uma polémica que terá surgido, nos anos de 50 e 60, sobre o intimismo na poesia de Agostinho Neto:

Podemos dizer, então, que na medida em que o “eu” está em conflito com a realidade objectiva e consigo mesmo, a poesia de Agostinho Neto é intimista. Contudo, nos anos 50 e 60, a já referida reabilitação de valores nativos destruídos – componente da reivindicação cultural e da reafirmação – e a urgência das circunstâncias da história vivida resultaram numa polémica sobre o intimismo na poesia de Angola. O intimismo – que veio a ter conotações negativas – que mais parece preocupar os escritores consciencializados é um tipo de existencialismo que evita a questão das realidades sociais, que identifica o poeta como esteticista ou que simplesmente não está ao serviço da causa. (HAMILTON, 1981: 108)

Direi, desde já, como disse com justeza Óscar Lopes, que

A própria poesia de Neto não diz um “eu” que não se entenda imediatamente como “nós”. Mesmo aqueles que poderiam ser os seus poemas mais pessoais, são a voz consciente do seu povo, do calvário colonial do seu povo, das esperanças agora exequíveis do seu povo, tudo colhido em imagens flagrantes desse mesmo povo a que o poeta se identifica. (“A Sagrada Esperança de um Homem”, in VÁRIOS, 1990: 49-50)

Um dos poemas, certamente visados pela crítica do intimismo em Agostinho Neto, foi, sem dúvida, aquele que ele datou da Cadeia da PIDE do Porto, aos 8 de março de 1955, como “Um «bouquet» de rosas para ti”, no dia do 22.º aniversário de Eugénia da Silva, então namorada e, depois, a partir de 1957, sua companheira para a vida como Eugénia Neto, em quem outro especialista americano das literaturas africanas de língua portuguesa, presente também em Gainsville, Gerald M. Moser, professor da Universidade da Pensilvânia, viu prolongada a obra do poeta pela dedicação que ela lhe devotou e pela divulgação que dela vem fazendo em muito do que ela própria tem escrito em verso ou em prosa. Mas esse poema, se analisado na sua genotextualidade e, portanto, na alegoria da leitura para a qual também nos convida, por exemplo, em versos fenotextualmente tão fáticos como –

E no teu dia
Se fundem também em mim
os anseios e as emoções
as tristezas e as iras
a certeza e a fé
e todos os pequeninos tons de variada vida
misturados nos caleidoscópios do horizonte
e todas as esperanças

Um bouquet de rosas para o teu dia

O amplexo fraternal do sol poente
e da lua nascente
a derrota inadiável da ancianidade
e o crescer do novo
em cada passo dos dias
em cada hora dos dias
em cada um dos teus sorrisos;
todas as cambiantes da matéria
a aridez dos desertos
e a fecundidade das fontes
a gracilidade dos tigres
e a docilidade das pombas
o furor dos rios
a ira dos ventos
e a desconcertante variação humana
ódio e amor
amarelos sorrisos na hipocrisia das almas
gritos ais abundâncias e misérias
tudo reunido

no bouquet de rosas
para o teu dia.

.....
Força e certeza
no bouquet de rosas
para o teu dia
.....

– transforma o seu aparente intimismo numa mensagem de esperança, de força e de certeza de que a prisão não quebraria o *animus* do Homem de lutar contra o regime, que não respeitava a liberdade das pessoas e que não entendia que o Poeta o que prenunciava naquelas rosas vermelhas, brancas, amarelas e azuis (não se descure o simbolismo das cores) era o dia do “amplexo fraternal do sol poente/ e da lua nascente”, em que o escuro da noite e o claro da lua se abraçariam na amizade, vencido que fosse o colonialismo que tentava adiar esse dia, simbolizado no amor de um angolano negro por uma portuguesa branca.

Que esse intimismo do *eu* fenotextual intimista é genotextualmente um *nós*, mostra-o o poeta em muitos outros poemas da sua *Sagrada Esperança*, desde logo, a propósito do seu aniversário, que lembra, com a mesma amargura da prisão, no Porto, em setembro de 1951, em “Um aniversário”:

Este um dia do meu aniversário
um dos nossos dias
de vida sabendo a tamarindo
em que nada dizemos nada fazemos nada sofremos
como tributo à escravidão.

Um dia inútil como tantos outros um dia
Mas duma inutilidade necessária.

Eugénia Neto fez, já viúva, em 1982, a sua análise desse poema, também escrito na cadeia, no Porto, que lhe foi dedicado 27 anos antes, vendo nele uma espécie de “credo de sentimentos”, numa escolha feliz do termo ‘credo’ que calhava perfeitamente à dimensão da fé cristã de Agostinho Neto, que bem testemunhava que o seu marxismo nunca lhe exigiria, porque não era oximórico, qualquer afirmação ou manifestação de ateísmo que não tinha, como Costa Andrade bem perscrutou: “Mas constataria que os extremos opostos estavam na realidade muito próximos, como sempre. (...) Nem o

Deus dos homens, ou o Deus das coisas mostrou a alguém o absoluto. Agostinho Neto aspirava, como poeta, que dominava nele o político, o absoluto, isto é, a independência nacional do seu povo.” (ANDRADE, 2007: 189). Deus não o incomodava, antes, impulsionava a dimensão evangélica, mas não exotérica ou messiânica, como sublinhou também Costa Andrade, da sua missão como Homem e angolano esclarecido que, pousada a pena e descansado das musas, pegaria na espada, depois de ter enrouquecida a voz, “E não do canto, mas de ver que venho/ Cantar a gente surda e endurecida”, citando Camões, fechando a obra poética, para abrir a obra política:

Oh! O nosso amor era tão sublimemente grande que nos enchia o peito de esperança e certeza em dias melhores. (...) Aliás, ele – Agostinho – conservou sempre de mim a imagem de quando me conheceu adolescente (...) O credo de sentimentos expresso no poema “Um ‘bouquet’ de rosas para ti” (...) foi sempre verdadeiro e continuará a acompanhar-me como uma afirmação em cada dia.

Num texto de justa homenagem não só a Agostinho Neto mas também e sobretudo a sua mulher, Eugénia Neto, que Gerald Moser, em maio de 1989, trouxe ao I Simpósio Internacional sobre Cultura Angolana, que organizei aqui na, então, minha Faculdade de Letras do Porto (“Um casal de escritores complementares: Agostinho Neto e Eugénia Neto”, TRIGO, 1989) considerava que, pousada a pena de Neto, Eugénia complementaria a obra literária do marido, comandante da luta pela libertação de Angola, logo a partir de Dar-es-Salam, onde, com o apoio da tradutora Marga Holness, mitigava a solidão das ausências do homem que amava, inspirando-se nos valores do seu imaginário poético. É nesta fase e na seguinte, para o final dos anos de 1960, já a partir de Brazzaville, para onde acompanha o marido, que a escrita de Eugénia Neto beneficia, segundo Moser, das sugestões e conselhos do poeta Neto:

Recebeu e aceitou sugestões e conselhos dele. Retomou temas que importavam a ele: a harmonia que devia reinar entre os homens, sem distinção de raça, a unidade nacional, ou ainda o humanismo socialista. Nesta ordem de ideias, era lógica a justificação da mestiçagem para um casal que com muito amor criou três filhos mestiços. Era natural assim mesmo que ambos defendessem a coexistência de negros e brancos em Angola, tanto como a sua mestiçagem, por serem factos históricos que deviam ser aceites. (TRIGO, 1989: 307-8)

Sugestões e conselhos que, já em 10 de maio de 1969, no poema “Mensagem”, que a escritora escolheu para abrir o seu livro de poemas – *O soar dos quissanges* (2001) – apareciam perfeitamente integrados no seu processo de escrita:

Quisera que no mundo não houvesse
nem bombas, nem balas, nem armas
e que tu pudesses viver a tua vida
risonha e descuidadamente

Que pudesses existir na terra
sem sujeição alguma
que as tuas ideias pudessem fluir
sem as barreiras das gerações idosas

Que pudesses encontrar a harmonia
dos teus gestos, dos teus passos
na aspiração do belo e no amor
pelos outros seres da terra

Então, não chorarias os pais mortos
no solo mártir de Angola
ou em Vietnãmes
espalhados pelos continentes

Tu serias simplesmente feliz
sorrindo à compreensão dos homens
cujo olhar límpido
te traria amenas alvoradas

Mas os heróis do mundo
dar-te-ão um dia
esta ventura
tu verás

E terás cânticos de pássaros
nas árvores dos teus sonhos
e flores aquáticas nos teus rios
e bonecos, no teu leito de infância

Tu verás que um dia
poderemos dar-te tudo isso

Tudo o que, na verdade, o poeta inspirou profundamente ao político, ou, dito doutra forma, tudo o que o eu do poeta transportava como o nós do político, numa poética, a um tempo, conceptual e perceptual, em que a expressão do eu era um convite permanente à reflexão-ação do nós. Foi, assim, no poema “Aspiração”, evocado no antes citado poema “Mensagem” de Eugénia Neto:

E sobre os meus cantos
os meus sonhos
os meus olhos
sobre o meu mundo isolado
o tempo parado

Ainda o meu espírito
ainda o quissange
a marimba
a viola
o saxofone
ainda os meus ritmos de ritual orgiaco

Ainda a minha vida
oferecida à vida
ainda o meu desejo

Ainda o meu sonho
o meu grito
o meu braço
a sustentar o meu Querer

E nas sanzalas
nas casas
nos subúrbios das cidades
para lá das linhas
nos recantos escuros das casas ricas
onde os negros murmuram: ainda

O meu Desejo
transformado em força
inspirando as consciências desesperadas.

Desesperadas, certamente, por uma nova linguagem, por uma nova forma de aprender o mundo que “não mais as histórias contadas à sombra/ da mafumeira/ ou à doce luz duma enfumarada fogueira/ nem o macaco ou o

leão/ o coelho ou a tartaruga” (“O verde das palmeiras da minha mocidade”, in NETO, 1974: 105), porque agora o importante seria assumir claramente que a *angolanidade*, essa afirmação na criação de um *eu / nós* distintivo, de uma “*voz igual*”, passaria por uma nova dimensão – a da “*metafísica mestiça*”, fisicamente mestiça nos sangues, nos sons dos instrumentos musicais, que o homem, filho, neto, marido e pai, e o poeta inspirador do político, criador duma pátria una de povos diferentes na cor, na etnia, na cultura, na religião e na língua, exara no poema “Desterro” (NETO, 1974: 129), onde reúne a sua mulher-mãe (“Para ti também/ mamã/ há uma só palavra/ nesta nova partida para o desterro/ – Coragem, voltaremos a encontrar-nos”), os seus filhos (“Irene, Elisa, Dady/ nomes duma ternura de sangue/ – Coragem, voltaremos a encontrar-nos”), o avô camponês (“Meu pobre poeta Kajokolo/ poeta frustrado duma existência de evasões/ não será sobre a sepultura/ que nossas lágrimas derramadas cairão/ será na alegria do grande abraço/ ao festejarmos o ressurgimento”), os “irmãos do meu sangue, da minha raça, do meu povo”, a quem incentiva com “esta palavra de luta e de fogo/ – Coragem até o regresso”, deixando uma certeza:

No meu coração de exilado
todos vós com o vigor do nosso povo
estais ligados às manhãs dolorosas de despedida
pelo povo
pela humanidade
pela paz.

Como se vê, lá onde a polémica referida por Russel Hamilton via intimamente, o que está presente é humanismo, é um eu, convicto e de fé, a falar pelo coletivo dum povo, que deveria assumir-se plural e desataviado da circunstancialidade do negrismo, porque também o negrismo é plural e diferente e, por isso, arma fácil da manipulação dos novos messias que tudo prometem, pela conquista dum poder que, por não assumirem como missão humanista, em vez de resgatar, oprime, ignorando que a grandeza de um ser humano nada tem que ver com as suas características físicas, porque, como sentenciava João Vêncio, essa figura espantosa que Luandino Vieira criou numa das suas narrativas mais perfeitas, “a pele é só o embrulho da alma” e esta, como Agostinho Neto poderia confidenciar ao seu Mussunda Amigo, não tem cor, não tem raça, é simplesmente humana.

Essa humanidade e o humanismo de Agostinho Neto testemunhou-os melhor do que ninguém Eugénia Neto, que na evocação e na dedicatória sentida, que, em 2001, lhe fez do seu livro *O soar dos quissanges*, repetiu os ensinamentos do homem, do poeta e do político:

Vencer a barreira racial
é tão difícil
como atravessar a atmosfera
da Terra.
Contudo, é preciso atravessá-la
para a harmonia do Mundo.

Foi para proclamar essa harmonia do mundo angolano, sob os auspícios de Agostinho Neto, que o angolano negro, Agostinho Mendes de Carvalho (Uanhenga Xitu), o angolano mestiço, Henrique Guerra, o angolano branco, Ruy Duarte de Carvalho, escritores numa mesma língua numa mesma literatura angolana, foram a Gainsville, nesse ano de 1980, deixando estupefacta uma assembleia de gente intelectual e socialmente ilustre que, todavia, ignorando as raízes mais profundas da história da nossa humanidade, confunde a essencialidade da humanidade com o circunstancialismo geográfico-económico em que ela se diversificou e desenvolveu e também porque, conhecendo apenas o político Agostinho Neto, ignorava a verdadeira dimensão do homem e do poeta, cunhada na sua poesia, na voz da sua alma que ansiava por

Ressuscitar o homem
nas explosões humanas do dia a dia
na marimba no chingufo no quissange no tambor
no movimento dos braços e corpos
nos sonhos melódiosos da música
na expressão do olhar
e no acasalamento sublime da noite com o luar
da sombra com o fogo do calor com a luz
a alegria dos que vivem com o sacrifício gingado dos dias.

Eis, pois, quarenta anos quase perfeitos, depois de Gainsville, Agostinho Neto, o homem, o poeta e o político, na grandeza humana da sua metafísica mestiça!

Bibliografia

- ANDRADE, Costa (2007). *Opiniões, critérios*. Luanda: EAL- Edições de Angola.
- HAMILTON, Russell G. (1981). *Literatura africana, literatura necessária I – Angola*. Lisboa: Edições 70.
- HENDERSON, Lawrence W. (1979). *Angola, Five Centuries of Conflict*. Ithaca and London: Cornell University Press.
- LABAN, Michel (1991). *Angola, encontro com escritores*. Vol. I. Porto: Fundação Eng.º António de Almeida.
- NETO, Agostinho (1974). *Sagrada esperança*. Lisboa: Livraria Sá da Costa.
- NETO, Eugénia (2001). *O soar dos quissanges*. Lisboa: Edições Vela Branca.
- TRIGO, Salvato, org. (1989). *A voz igual, ensaios sobre Agostinho Neto*. Porto: Fundação Eng.º António de Almeida.
- VÁRIOS (1990). *Um postal para Luanda*. Lisboa: Vega Editora.